

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES
(Organizadores)

VOL VI



EDITORA
ARTEMIS

2022

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES
(Organizadores)

VOL VI



EDITORIA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadores	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal



Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências socialmente aplicáveis [livro eletrônico] : integrando saberes e abrindo caminhos: vol. VI / Organizadores Jorge José Martins Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-71-2

DOI 10.37572/EdArt_161222712

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Rodrigues, Jorge José Martins. II. Marques, Maria Amélia.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

Seguindo a lógica dos livros anteriores, o sexto volume desta coleção procura apresentar ao leitor uma coletânea de artigos sobre problemáticas que são transversais – intra e transdisciplinares – no campo das ciências sociais aplicadas.

Podendo ser discutível, na metodologia seguida na organização deste volume procurou-se privilegiar artigos que abordassem novas tendências e/ou problemáticas transversais relevantes, adotassem metodologias mais holísticas e/ou modelos de investigação aplicada, apresentassem estudos de caso nacionais e/ou internacionais e procurassem ser reflexivos, bem como os artigos sobre a razão do próprio ensino e aprendizagem. Nesse quadro, o presente volume está organizado em dois grandes eixos – o da Educação Ambiental e Sustentabilidade e o do Ensino e Aprendizagem.

Na construção da estrutura de cada eixo procurou-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo seguinte, gerando-se um fluxo de conhecimento acumulado que se pretende fluido e em espiral crescente.

Assim, o eixo Educação Ambiental e Sustentabilidade é constituído por um conjunto de dez artigos. Na sociedade esta temática constrói-se a partir de múltiplas práticas, nas famílias e nas empresas, sendo, quanto a estas últimas, um poderoso instrumento de incremento da competitividade. Assim, os artigos repartem-se pela inserção da temática em programas de ensino de nível superior, economia circular, cultura organizacional, cenários digitais, artefactos construídos com apoio de políticas de desenvolvimento regional que procuram também reduzir custos de produção e manutenção dos mesmos.

O eixo Ensino e Aprendizagem junta um conjunto de dez artigos que, em comum, contribuem para a construção da responsabilidade social e ambiental, através do melhor uso dos recursos da natureza. Assim, o conjunto dos artigos revela que a alfabetização e aprendizagem tem padrões de actuação e modelos que conduzem à alfabetização e motivam práticas docentes inclusivas, com impacto nas políticas de emprego na economia.

Com a disponibilização deste livro e seus artigos esperamos que os mesmos gerem inquietude intelectual e curiosidade científica, procurando a satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de todas as fontes de inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, ESCE/IPS, Portugal

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCACIÓN AMBIENTAL EN ALUMNOS DEL NIVEL MEDIO SUPERIOR: MÉXICO

Catalina Vargas Ramos

María Guadalupe Martínez Treviño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227121

CAPÍTULO 2..... 7

AMBIENTALIZACIÓN DE LAS CURRÍCULAS EN LAS INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN SUPERIOR EN MÉXICO

Jesús Rivas-Gutiérrez

María del Carmen Gracia-Cortés

Ana Karen González-Álvarez

José Ricardo Gómez-Bañuelos

María Dolores Carlos-Sánchez

Christian Starlight Franco-Trejo

Martha Patricia de la Rosa-Basurto

Daniela del Carmen Zamarrón-Gracia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227122

CAPÍTULO 3..... 19

LA EDUCACIÓN UNIVERSITARIA ANTE UN NUEVO ENTORNO SOCIAL Y LABORAL CADA VEZ MÁS CRÍTICO Y EXIGENTE

Jesús Rivas-Gutiérrez

María del Carmen Gracia-Cortés

María Guadalupe Rodríguez-Elizondo

José Ricardo Gómez-Bañuelos

Nubia Maricela Chávez-Lamas

Ana Karen González-Álvarez

Luz Patricia Falcón-Reyes

Martha Patricia Delijorge-González

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227123

CAPÍTULO 4..... 30

RESPONSABILIDAD SOCIAL EMPRESARIAL, GESTIÓN AMBIENTAL Y COMPETITIVIDAD EN LAS PEQUEÑAS Y MEDIANAS EMPRESAS

Andreína Inés González Ordóñez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227124

CAPÍTULO 5..... 46

THE INTRODUCTION OF A CIRCULAR ECONOMY IN THE COMPANY AND THE SOLUTION OF LEGAL DILEMMAS

Štefan Šumah

Jure Naglič

Tilen Šumah

Jure Pečnik

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227125

CAPÍTULO 6.....55

LA CULTURA ORGANIZACIONAL COMO FACTOR INFLUYENTE EN COMPETITIVIDAD DE LAS MIPyMES

Yanary Emelina Carvallo Monsalve

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227126

CAPÍTULO 7 69

O DIGITAL AO SERVIÇO DO PATRIMÓNIO GEOMINEIRO NO GEOPARK NATURTEJO MUNDIAL DA UNESCO – “MONFORTE DA BEIRA NA IDADE DO FERRO”

Pedro Nuno Moreira da Silva

Rui Dias

Joana Castro Rodrigues

Carlos Neto de Carvalho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227127

CAPÍTULO 8..... 84

AROUCA, DESTINO TURÍSTICO SUSTENTÁVEL: EXEMPLO DE INOVAÇÃO E BOAS PRÁTICAS

Joana Almeida

Ana Sofia Duque

Maria Lúcia Pato

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227128

CAPÍTULO 9.....97

PARADIGM OF REGIONAL DEVELOPMENT IN THAILAND: A CASE STUDY OF THE NATIONAL ECONOMIC AND SOCIAL DEVELOPMENT PLANS

Nattapon Sang-arun

Waralak Khongouan

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1612227129

CAPÍTULO 10..... 111

COSTES DE PRODUCCIÓN: CLASIFICACIÓN HERRAMIENTA BASE PARA LA OPTIMIZACIÓN DE RECURSOS Y MEJORA DE LA COMPETITIVIDAD INTERNA DE LAS MIPYMEs DE LA PROVINCIA DE EL ORO

Juan Carlos Muñoz Briones

Marjorie Katherine Crespo García

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271210

ENSINO E APRENDIZAGEM

CAPÍTULO 11.....126

O PROGRAMA WEIWER® COMO NOVA ALFABETIZAÇÃO: CASOS À LUZ DE UMA TIPOLOGIA DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS ABERTAS

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Maria Filomena Pestana Martins Silva Coelho

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271211

CAPÍTULO 12 140

APRENDIZAJE, UN ENFOQUE ECONÓMICO, AMBIENTAL Y SOCIAL PARA DESARROLLO HUMANO SUSTENTABLE EN LAS ORGANIZACIONES

Edgar Antonio Babativa Nova

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271212

CAPÍTULO 13.....158

APLICACIÓN Y NORMATIVA DE LOS PRONUNCIAMIENTOS INTERNACIONALES DE FORMACIÓN

Graciela Enríquez Guadarrama

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271213

CAPÍTULO 14.....173

MODELO GENERAL PARTICULAR ESPECIFICO (GPE): UNA HERRAMIENTA CONVERGENTE PARA LA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA LITERATURA

Cristo Ernesto Yáñez León
Patricia del Carmen Gerónimo Ramos
Yessica Monserrat Borjas
Víctor Hugo Guzmán Zarate

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271214

CAPÍTULO 15 184

MODELO UNIVERSAL DE PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA (UPE): UNA HERRAMIENTA DEDUCTIVA PARA LA INVESTIGACIÓN ACADÉMICA

Cristo Ernesto Yáñez León
James M. Lipuma
Víctor Hugo Guzmán Zarate

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271215

CAPÍTULO 16.....195

SERIES MATEMÁTICAS APLICADAS CON LOS FUNDAMENTOS DE LA PROGRAMACIÓN

Byron Alexis Rocha Haro
Carlos Efraín Sánchez León

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271216

CAPÍTULO 17213

MOTOR QUE ACTIVA EL CONOCIMIENTO: LA MOTIVACIÓN

Sandra Valdez Hernández
Deymi Collí Novelo
Manuel Becerra Polanco

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271217

CAPÍTULO 18.....222

PRÁCTICAS DOCENTES NORMALIZADORAS Y LA APUESTA HACIA EXPERIENCIAS PLURITECNOLÓGICAS Y PLURILINGÜES EN LA UNIVERSIDAD

Cristian Matías Pinato

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271218

CAPÍTULO 19232

ALFABETIZACIÓN MEDIÁTICA PARA COMUNIDADES INMIGRANTES: PROPUESTA DE UN INTERFAZ

David García Martul

Guillermina Franco Alvarez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271219

CAPÍTULO 20 247

A ABORDAGEM BIOGRÁFICA COM UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA. TRABALHO DE CAMPO E DOCUMENTÁRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ASTRONOMIA NO MÉXICO

Jorge Bartolucci

 https://doi.org/10.37572/EdArt_16122271220

SOBRE OS ORGANIZADORES258

ÍNDICE REMISSIVO259

CAPÍTULO 4

RESPONSABILIDAD SOCIAL EMPRESARIAL, GESTIÓN AMBIENTAL Y COMPETITIVIDAD EN LAS PEQUEÑAS Y MEDIANAS EMPRESAS

Data de submissão: 14/09/2022

Data de aceite: 22/09/2022

Dra. Andreína Inés González Ordóñez

Docente de la
Universidad Metropolitana del Ecuador
Sede Machala
Carrera Administración de Empresas
aigonzalez@umet.edu.ec
<https://orcid.org/0000-0003-2209-2295>

RESUMEN: Las empresas para tener éxito deben integrar a su gestión administrativa estrategias de responsabilidad social empresarial (RSE) que incrementen su competitividad. El objetivo de esta investigación es analizar el aporte de la RSE y la gestión ambiental en la competitividad de las pequeñas y medianas empresas. Se empleó un enfoque cualitativo de tipo documental con una revisión teórica de las variables objeto de investigación, mediante el análisis de los resultados de investigaciones más recientes que permitiera elaborar la discusión a través la comparación entre documentos, identificando contrastes y semejanzas. El método aplicado fue el deductivo. Los resultados obtenidos muestran que la RSE favorece la competitividad empresarial en los siguientes aspectos: incrementa la sostenibilidad y las

ventajas competitivas de la empresa, aumenta el compromiso organizacional e incrementa la productividad de los clientes internos, mejora el entorno competitivo, genera una relación más fuerte entre la empresa y sus clientes, incrementa la demanda de productos/servicios y mejora la captación de talento humano, fomenta la inversión para el desarrollo de nuevos proyectos, incrementa la diferenciación y el valor agregado de los productos/servicios, mejora el desempeño organizacional, incrementa la productividad y rendimientos de la empresa y aumenta las ventajas competitivas que permiten ingresar a nuevos mercados por su gestión ambiental y cuidado del ambiente.

PALABRAS CLAVE: Empresa. Competitividad. Gestión Ambiental. Responsabilidad Social. Sostenibilidad.

CORPORATE SOCIAL RESPONSIBILITY, ENVIRONMENTAL MANAGEMENT AND COMPETITIVENESS IN SMALL AND MEDIUM ENTERPRISES

ABSTRACT: To be successful, companies must integrate corporate social responsibility (CSR) strategies into their administrative management that increase their competitiveness. The objective of this research is to analyze the contribution of CSR and environmental management in the competitiveness of small and medium enterprises. A qualitative documentary type

approach was used with a theoretical review of the variables under investigation by analyzing the results of the most recent investigations that would allow the discussion to be elaborated through the comparison between documents, identifying contrasts and similarities. The applied method was deductive. The results obtained show that CSR favors business competitiveness in the following aspects: increases the sustainability and competitive advantages of the company, increases organizational commitment and increases the productivity of internal customers, improves the competitive environment, generates a more strong between the company and its clients, increases the demand for products/services and improves the recruitment of human talent, encourages investment for the development of new projects, increases differentiation and the added value of products/services, improves organizational performance, increases the productivity and returns of the company and increases the competitive advantages that allow it to enter new markets for its environmental management and care for the environment.

KEYWORDS: Company. Competitiveness. Environmental management. Social Responsibility. Sustainability.

1 INTRODUCCIÓN

Las empresas para tener éxito deben integrar a su gestión administrativa estrategias que incrementen su competitividad. Con relación a lo señalado, la Responsabilidad Social Empresarial (RSE), constituye una práctica que las empresas pueden incorporar a su estrategia, considerando que de esta manera se le puede dar respuesta a las necesidades que poseen los grupos de interés, logrando con ello ser empresas responsables en el área social, económica y ambiental, además de mejorar su imagen y su competitividad.

Son muchos los beneficios que se generan en las empresas con la aplicación de las prácticas de RSE, entre ellos se pueden mencionar, mejora de las condiciones laborales de sus trabajadores, mejora en los procesos y productos, mejora de la imagen pública, mejora la relación con los clientes, atrae inversiones, reduce los impactos ambientales, genera apoyo a grupos sociales, mejora la captación de talento humano, incrementa de productividad, aumenta el sentido de pertenencia y compromiso de los trabajadores, mejora del posicionamiento de la empresa, entre otros que generan valor e incrementan la competitividad y sostenibilidad de las empresas.

Para las empresas, mejorar su competitividad significa la posibilidad de incrementar su participación en el mercado y generar un crecimiento sostenido de la productividad, lo cual es el resultado de las mejoras de sus aspectos administrativos, calidad, mercadotecnia, contabilidad, planificación estratégica, gestión ambiental, recursos humanos y sistemas de información, lo cual puede verse favorecido con la aplicación de las prácticas de RSE.

En este sentido, cualquier organización, independientemente de su tamaño, actividad económica o país donde se encuentre, puede implementar prácticas de RSE, por ello es importante que la empresa incorpore dentro de sus objetivos la gestión de la responsabilidad social y de esta manera dar respuesta a todos sus grupos de interés (accionistas, trabajadores, clientes, proveedores, comunidad).

En el caso de las pequeñas y medianas empresas, poseen la ventaja que pueden interactuar de forma más cercana con sus grupos de interés, es especial las comunidades donde interactúa, facilitando con ello el intercambio y la posibilidad de dar respuesta a las necesidades planteadas por estos. Sin embargo, existe un elevado desconocimiento en cuanto a la forma de aplicación de la RSE y del aporte que genera en la construcción de ventajas competitivas, por lo que no se invierte en ella, ocasionando una desconexión con la sociedad.

Con relación a lo mencionado anteriormente, el objetivo de esta investigación es analizar el aporte de la RSE y la gestión ambiental en la competitividad de las pequeñas y medianas empresas, empleando para ello el enfoque cualitativo de tipo documental con una revisión teórica, la cual contempla el análisis de artículos científicos relacionados con las categorías objeto de estudio, aplicando técnicas de análisis de contenido. Se empleó el método deductivo partiendo desde lo general hasta lo particular.

Para ello, se seleccionaron artículos de la base de datos Elsevier, Scielo y Redalyc publicados en los últimos siete años, escritos en idiomas español e inglés, utilizando las palabras claves, Responsabilidad Social Empresarial, gestión ambiental, competitividad, Corporate Social Responsibility, environmental management y competitiveness. Posteriormente se realizó la lectura analítica de los resultados de esas investigaciones que permitiera elaborar la discusión mediante la comparación entre documentos, identificando contrastes y semejanzas, para finalmente proporcionar las conclusiones.

2 DESARROLLO

2.1 RESPONSABILIDAD SOCIAL EMPRESARIAL

La RSE es inherente a la empresa y se ha convertido en una nueva forma de gestión y hacer negocios, en la cual la empresa se ocupa de que sus operaciones sean sustentables en lo económico, lo social y lo ambiental, reconociendo los intereses de los distintos grupos con los que se relaciona y buscando la preservación del ambiente y la sustentabilidad de las generaciones futuras (CEMEFI, 2015).

Amato, et al. (2016), citado en Navarro García (2013, p. 55), presentan una definición de RSE, señalando que la misma implica la integración en la gestión y las operaciones de

la organización de los aspectos sociales laborales, ambientales y respeto de los derechos humanos, de tal forma que se generen políticas, estrategias y procedimientos para satisfacer esas preocupaciones y se generen relaciones con sus interlocutores.

Asimismo, la norma ISO 26000, la define la RSE como la “responsabilidad de una organización ante los impactos que sus decisiones y actividades ocasionan en la sociedad y el medioambiente, mediante un comportamiento ético y transparente (ISO, 2010, p.3)”, y que además contribuya al desarrollo sostenible, tome en consideración las expectativas de las partes interesadas, cumpla con la legislación aplicable y esté integrada en toda la organización y se lleve a la práctica en sus relaciones.

Relacionado con lo mencionado anteriormente, la RSE es una innovadora forma de gestión en las organizaciones, que relaciona la ética de la empresa con sus grupos de interés, estableciendo metas compatibles al desarrollo sustentable y sostenible de la sociedad; buscando preservar los recursos ambientales y culturales; pensando y considerando a las generaciones futuras; respetando su diversidad y promoviendo la reducción de la desigualdad social (Marquina y Reficco, 2015).

Partiendo de las definiciones anteriores y como aporte de este artículo se construye la siguiente definición de RSE: es el conjunto de estrategias que establece la empresa y a la vez incorpora en su gestión operativa y en todos los procesos que se desarrollan en la misma, y que son aplicadas mediante un conjunto de procedimientos y prácticas que la benefician tanto internamente como externamente en los ámbitos económicos, sociales y ambientales, satisfaciendo de esta manera a las necesidades y requerimientos de sus clientes internos y externos, enfocados en la sostenibilidad y sustentabilidad.

Es importante resaltar que la RSE ha sido estudiada desde tres dimensiones, la económica, la social y la ambiental. A continuación, se explica cada una de ellas:

La dimensión económica no solo toma en cuenta la maximización de los beneficios generados, sino que se enfoca en crear valor en los diferentes grupos de interés, con relación a los accionistas la utilización adecuada de las inversiones realizadas, así como la exigencia de una mayor transparencia en sus actuaciones que permita trasladar confianza a la empresa y al propio mercado. Con relación a los clientes atendiendo sus necesidades y ofreciendo productos y servicios con una buena relación calidad-precio; con relación a los proveedores brindándoles confianza y seguridad y realizando un pago óptimo por sus servicios o productos y con relación a la sociedad, mediante actividades económicas desarrolladas por las empresas para que tengan una viabilidad a largo plazo y que sea correctamente distribuido (Escamilla et al., 2016). También destacan en esta dimensión

aspectos como el desempeño económico, la presencia en el mercado, consecuencias económicas y prácticas de adquisición (Espinoza-Santeli, 2018).

La dimensión social está referida por todas las prácticas cuyo impacto va dirigido al cuidado del capital intelectual y humano de la empresa, y son aquellas que son llevadas a cabo por la empresa con la finalidad de mejorar el bienestar social y económico de la sociedad, así como las encaminadas a respetar la autenticidad sociocultural de las comunidades y a la conservación de sus activos culturales (Escamilla et al., 2016). En este ámbito, Espinoza-Santeli (2018), expresa que la dimensión social comprende los siguientes aspectos: mejorar las prácticas laborales de seguridad ocupacional, y salud; gestionar adecuadamente los activos intangibles; brindar educación y formación continua a los *stakeholders*, o la oportunidad de que puedan adquirir mejores habilidades y capacidades profesionales; respetar los tratados internacionales y leyes nacionales con relación a la diversidad, igualdad de oportunidades y discriminación, igual remuneración para hombres y mujeres, entre otros.

Con relación a la dimensión ambiental, se debe tener en cuenta que todas las decisiones tomadas en las empresas tendrán una consecuencia directa en el ambiente, no solo consumiendo los recursos naturales sino también en el impacto directo que su actividad genere (Escamilla et al., 2016). Por ello, es importante considerar algunos aspectos relevantes señalados por Espinoza-Santeli (2018) como son la energía, materiales, aguas, biodiversidad, emisiones, transporte, residuos y materia prima de los productos y servicios. Al respecto, la dimensión ambiental se refiere a los impactos que genera una organización en los sistemas naturales, incluidos los ecosistemas, el suelo, el aire y el agua, el desempeño en relación con la biodiversidad, y el cumplimiento legal ambiental, lo cual implica que las organizaciones tengan conciencia de los impactos productivos sobre el entorno y la naturaleza (Santos y León, 2019).

Por otra parte, Hernández, et al. (2020) consideran dos dimensiones para el estudio de la RSE, la dimensión interna y a dimensión externa, que al ser revisadas puede evidenciarse que toman elementos de las dimensiones económica, social y ambiental explicadas anteriormente. A continuación, se detalla en qué consiste la dimensión interna y la dimensión externa.

Relacionado con la dimensión interna, Hernández, et al. (2020) señalan que la misma está referida hacia las practicas que se realizan dentro de una empresa, entre ellas: gestión del capital humano (prácticas y procesos éticos de contratación, disminución de la exclusión y discriminación dentro de la empresa, apoyo a los trabajadores para lograr un equilibrio en su vida laboral, familiar y de ocio y promover el proceso de aprendizaje y

mejora continua); aspecto de la gestión de la seguridad y salud en el trabajo (promover el cumplimiento de la normativa relacionada a la seguridad y salud en el área de trabajo y promover la creación de estrategias que creen un espacio fructífero para la seguridad y salud como factor condicional de productos y servicios de terceros).

Entre otras prácticas relacionadas con la dimensión interna se encuentran: el proceso de adaptación al cambio (tener siempre en consideración los intereses de las partes involucradas en el proceso de toma de decisiones enfocada al cambio, búsqueda de la participación e involucramiento de todas partes por medio de líneas abiertas de comunicación) y área de gestión del impacto ambiental y los recursos naturales (crear una real conciencia de las organizaciones con relación a los grandes beneficios que puede traer una inversión en actividades un alto impacto ambiental y motivación a crear sistemas de eco auditoría y eco gestión con miras a fomentar la gestión y la mejora en el ámbito ecológico) (Hernández, et al., 2020).

Por su parte la dimensión externa, tal como lo expresan Hernández, et al. (2020), incluye el trabajo hacia las comunidades locales (la colaboración con otras entidades para mejorar la protección del ambiente y recursos no renovables, la contratación de grupos socialmente excluidos, la oferta de alternativas del cuidado de los hijos de los colaboradores en espacios sanos, establecimiento de grupos comunales en las cercanías, el patrocinio de constantes actividades encaminadas hacia la cultura y deporte, establecer redes con grupos comunales y patrocinar actividades culturales, deportivas); procesos socio comerciales con los proveedores y consumidores; fortalecimiento y protección de los derechos humanos y la gestión y respuesta ante los problemas ambientales a nivel mundial para encaminarse hacia el desarrollo sostenible.

Puede evidenciarse que la RSE, estudiada desde los diferentes ámbitos o dimensiones constituye una ventaja competitiva para las empresas al generar respuestas a las necesidades de sus diferentes grupos de interés, de allí la importancia de la incorporación de prácticas que permitan su aplicación como parte de la gestión administrativa y ser consideradas dentro las estrategias formuladas en la planificación de la empresa.

2.2 GESTIÓN AMBIENTAL COMO PARTE LA RESPONSABILIDAD SOCIAL EMPRESARIAL

La dimensión ambiental de la RSE contribuye a prevenir los impactos ambientales negativos que se generan por los procesos, actividades o proyectos que se desarrollan en las empresas, mediante aplicación de prácticas ambientales que formen parte de la

implementación de un sistema de gestión ambiental. Esta dimensión, según lo señalado de por Hernández et al. (2020) se asume desde el punto de vista interno para la gestión del impacto ambiental y los recursos naturales y desde el punto de vista externo para la gestión y respuesta ante los problemas ambientales a nivel mundial para alcanzar el desarrollo sostenible.

En este sentido, el modelo de RSE implica la responsabilidad ambiental de las empresas en sus procesos productivos, adoptando un enfoque de carácter preventivo frente a situaciones o impactos ambientales que puedan generarse, ello implica el compromiso ambiental por parte de las empresas y el desarrollo de iniciativas que promuevan la responsabilidad ambiental, mediante el desarrollo y la aplicación de prácticas y medidas respetuosas con el ambiente que mejoren las ineficiencias del sistema productivo y que eviten la degradación de los diferentes componentes del ambiente. Asimismo, en relación con la dimensión ambiental, Borrás y Revollo (2020) enfatizan el compromiso de la empresa con el cuidado y protección del ambiente, lo que implica la conservación del entorno y la minimización de impactos desfavorables de su actividad.

Con respecto a lo mencionado, es importante la toma de conciencia y formación de los colaboradores en temas ambientales, que los sensibilice y los capacite para adoptar y aplicar medidas ambientales y prácticas amigables con el ambiente ante situaciones de riesgos de degradación o afectación del ambiente, tales como el control de derrames, la reducción de residuos, el control de emisiones a la atmósfera, el control de los vertidos de contaminantes al agua y al suelo, la utilización de productos no contaminantes, el ahorro del agua, el control del ruido, la reducción del consumo de energía, la educación ambiental, la prevención de accidentes, entre otras.

En tal sentido, conociendo que las empresas con su accionar contaminan progresivamente el ambiente, generando impactos ambientales negativos, la gestión ambiental debe ser un compromiso ineludible de todo tipo de organizaciones, convirtiéndose en una administración responsable con la sociedad al incluir prácticas amigables con el ambiente que generen beneficios en las empresas y que conduzcan a una mayor productividad, competitividad y mejoras en las condiciones de vida de los grupos de interés relacionados con las organizaciones.

Una de las vías para integrar la RSE en las actividades diarias de las empresas es a través de la ISO 26000, que es una guía de responsabilidad social que brinda las directrices sobre los principios, aspectos fundamentales y asuntos relacionados con la responsabilidad social y los procedimientos para ponerlos en práctica en las organizaciones. Entre los principios que establece en materia ambiental se mencionan:

prevención de la contaminación, uso sostenible de los recursos renovables, mitigación y adaptación al cambio climático y la protección del medio ambiente, biodiversidad y restauración de hábitats naturales (ISO 26000, 2010).

En el caso de aquellas empresas que desean comunicar los resultados de la aplicación de prácticas de RSE, pueden hacerlo siguiendo la metodología del Global Reporting Initiative (GRI). En esta metodología se entiende el concepto de sostenibilidad en las empresas como una estructura empresarial orientada al desarrollo sostenible en sus dimensiones económica, social y ambiental. En cuanto al aspecto ambiental, su orientación es hacia los impactos generados en forma directa o indirecta por las empresas al realizar su proceso productivo y se presentan las medidas y prácticas que se han implementado para su prevención o mitigación.

Finalmente, la aplicación de medidas y prácticas ambientales preventivas en los diferentes procesos que se desarrollan en las empresas contribuirán a conservar los recursos naturales y evitar degradación de los diferentes componentes del ambiente, contribuyendo de esta manera con la sustentabilidad ambiental y al mismo tiempo se da cumplimiento con la RSE tanto interna como externa.

2.3 COMPETITIVIDAD EMPRESARIAL

La competitividad es definida como la capacidad de una organización para mantener o incrementar su participación en el mercado basada en nuevas estrategias empresariales, en un sostenido crecimiento de la productividad, en la capacidad interempresarial para participar en negociaciones con diferentes instituciones y otras compañías dentro de su ambiente, y en un ambiente competitivo determinado por el sector y el mercado de los consumidores, además de las políticas introducidas por los gobiernos nacionales y alianzas económicas regionales (Solleiro y Castañón (2005), citado por Saavedra, 2012).

Al respecto, Mora-Riapira et al. (2015) menciona que la competitividad empresarial depende estrechamente del desempeño interno de la misma entidad, por lo que la estrategia empresarial es un factor fundamental para alcanzar una posición dominante y exitosa en los mercados objetivo, conformada tanto por la visión totalizante del negocio, como por la ejecución de acciones funcionales que integren cada una de sus áreas al logro del propósito de la organización.

Se puede evidenciar como la selección e implementación de la estrategia es un aspecto de gran importancia en la empresa, ya que del éxito de la estrategia dependerá que la empresa alcance un mejor desempeño que genere valor y contribuya al éxito

de ésta, por lo que la RSE debe estar integrada en la planificación estratégica y en la formulación de la estrategia.

Es importante destacar que para generar ventajas competitivas en la empresa, mediante la creación de valor para sus compradores o clientes, se necesitan como fuentes de estas ventajas competitivas las habilidades y recursos que las empresas poseen y que son adecuadas a las oportunidades del entorno o como defensa ante las amenazas. Estas fuentes permiten que las áreas funcionales sean más productivas y se pueda ofrecer al mercado un producto/ servicio/marca con características o atributos superiores. Estas características o atributos superiores pueden ser aportadas por la RSE en cualquiera de sus dimensiones: social, económica, ambiental.

Asimismo, para alcanzar la competitividad en las empresas se debe hacer un manejo eficiente de las diversas áreas de la misma, mencionándose entre los factores clave impulsores, es decir, aquellos factores que le permiten a la empresa ocupar una mejor posición en el mercado y asegurar su permanencia en el mediano y largo plazo, los siguientes: la capacidad directiva, la planificación estratégica, los recursos tecnológicos, los recursos financieros, la capacidad innovadora, las capacidades del capital humano, los recursos comerciales, la diferenciación en la producción o prestación de servicio y la relación calidad/precio y la gestión ambiental, los cuales se ven mejorados con la aplicación de las prácticas de RSE en las empresas, constituyéndose así en una poderosa estrategia generadora de ventajas competitivas. Al respecto Porter y Kramer (2006) señalan que la responsabilidad social corporativa (RSC) puede ser mucho más que un costo, una limitación o un acto de beneficencia; puede ser una fuente de oportunidades, innovación y ventaja competitiva.

2.4 RESPONSABILIDAD SOCIAL EMPRESARIAL, GESTIÓN AMBIENTAL Y COMPETITIVIDAD DE LAS EMPRESAS

El impacto de la RSE en las organizaciones es diverso e incluye numerosos beneficios para las mismas. Entre los temas que destacan están la sostenibilidad, la motivación laboral, la innovación, el desempeño organizacional y la mejora de la imagen pública (Jaimes et al., 2021). Asimismo, los autores destacan entre otros beneficios la mejora del compromiso organizacional al disminuir el ausentismo laboral, lo que mejora la eficiencia de la empresa; mejora la satisfacción del cliente y la reputación corporativa, lo que contribuye a construir una relación más fuerte entre la empresa y sus clientes y se incrementa el desempeño competitivo a través de la gestión de los grupos de interés (Jaimes et al., 2021). Por su parte, Gallardo-Vázquez et al. (2013) y Sánchez y Yáñez

(2021) sostienen que las empresas que se orientan a la consecución de altos niveles de RSE conseguirán éxito competitivo al obtener ventajas competitivas, considerando que esta relación viene mediada por incrementos en sus niveles de innovación y en sus rendimientos, y por lo tanto en el desempeño.

Con relación a lo señalado anteriormente, Villafán y Ayala (2014) expresan que la RSE se ha convertido en un factor esencial para la competitividad porque es una estrategia de diferenciación de la empresa que involucra aspectos sociales y ambientales, tanto en ésta como los diversos grupos de interés. Los autores destacan dentro de los beneficios de la RSE, mejores condiciones laborales de los trabajadores y relaciones más estrechas y armónicas con los diferentes grupos de interés; contribuyendo con ello a reducir costos y a mejorar la productividad de la empresa; se genera un impacto positivo en la imagen y reputación de la empresa entre los distintos grupos de interés, y se mejora la transparencia en el uso de los recursos y toma de decisiones, lo que incrementa a confianza que supone al rendir cuentas a cada uno de los grupos de interés.

Todos estos aspectos se traducen en factores de diferenciación y se convierten en fuente de competitividad para las empresas, incrementando la productividad del factor trabajo y la mejorando el entorno competitivo, lo que a su vez hace que se incremente la demanda de los productos de la empresa y que en un mayor número de trabajadores potenciales demanden trabajar en ella; de la misma manera, una mayor transparencia propicia el fomento de la inversión productiva y financiera (Villafán y Ayala, 2014).

Desde esta perspectiva, la investigación realizada por Marquina y Reficco (2015) para estudiar la influencia de la RSE sobre el comportamiento de los consumidores de Bogotá, aunque sus resultados no son concluyentes, arroja que la RSE social puede constituirse en un factor diferenciador para los consumidores y, por tanto, puede agregar valor a aquellas empresas que logren ser percibidas favorablemente respecto de esta variable por parte de sus potenciales compradores. Al respecto, señalan Escamilla et al. (2016) que la gestión del activo intangible como es la reputación a través de la RSE, permite ser conductora de ventajas competitivas y de creación de valor al ser un activo que posee un gran valor estratégico, por ello la percepción que tengan los consumidores sobre las acciones de RSE que lleva a cabo una empresa puede influir en la decisión de compra.

La investigación desarrollada por Herrera et al. (2015) confirma la existencia de una relación causal positiva y significativa entre el nivel de prácticas de RSE y rendimiento competitivo, confirmando así que el desarrollo de las prácticas de RSE promueven el fortalecimiento de los vínculos que las pymes tienen con sus grupos de interés, lo cual incide positivamente en la competitividad.

En este sentido, Herrera et al. (2016) encontraron que las prácticas de RSE de las pymes españolas recaen principalmente sobre los clientes y empleados. Reconociendo así la importancia de cuidar y establecer relaciones de diálogo continuo con sus clientes como grupo que tiene un impacto directo en la organización, además parecen ser conscientes de la importancia de los trabajadores como un factor para estimular el aumento de la productividad, lo cual puede aportar beneficios directos a la empresa en su competitividad empresarial.

En este mismo orden, Tello et al. (2018) expresan que la motivación de las empresas en aplicar la RSE laboral se basa en la necesidad de conseguir el bienestar de todos los que intervienen en los procesos de una empresa y de esa manera alcanzar altos estándares de calidad, competitividad y productividad en la organización, lo que incrementará su rentabilidad.

Otros autores como Escamilla et al. (2016) al investigar las RSE en empresas de transporte público urbano en España, concluyen que son innegables los efectos positivos que pueden aportar a la competitividad la empresa las políticas de RSE, ya que implica reconocer adecuadamente el valor de aspectos como el capital humano, la estrategia empresarial y arquitectura organizativa, las estrategias cooperativas con proveedores y los activos intangibles como la reputación al mejorar la imagen interna y externa de la empresa.

De igual manera, Escamilla et al. (2016) expresan que la realización de inversiones en RSE no supone malgastar el dinero invertido, si se mantiene una visión a largo plazo, al contrario, podrán adquirir unas capacidades y habilidades generadoras de fuentes competitivas que les permitirá mejorar su reputación, mejorar las relaciones con la sociedad o la comunidad donde desarrolle su actividad, incrementar la satisfacción de todos los grupos de interés así como aumentar la motivación de los empleados y reforzar los valores de la cultura empresarial.

En este mismo orden de ideas, la investigación desarrollada por Méndez y Gómez (2017) con la finalidad de determinar los factores incidentes para crear valor compartido en las mipymes de Bogotá, encontraron que las organizaciones que desarrollan programas que mejoren la sociedad y el ambiente generan un posicionamiento de la imagen de la compañía, la cual está orientada hacia la satisfacción de necesidades de la sociedad y el medioambiente, generándose con ello una ventaja competitiva en los mercados en los que la empresa se desenvuelve.

De igual manera, Tello et al. (2018) señalan que cuando una empresa se vuelve socialmente responsable, sus consumidores esperan mayor calidad de productos sin la afectación del medio ambiente, manteniendo el respeto de los derechos humanos, con acciones transparentes ante la sociedad, además que influirán a sus proveedores que

también sean partícipes de los principios de la RSE, lo que generará beneficios para todos los grupos de interés.

Asimismo, Bernal-Conesa et al. (2017), al estudiar la adopción de una estrategia empresarial basada en la RSE en la industria tecnológica española y cómo dicha estrategia puede influir sobre la competitividad y el desempeño económico (performance) encontró que existe una relación positiva, directa y estadísticamente significativa entre la estrategia de RSE y la competitividad, y también de la competitividad y el performance, estableciendo que la competitividad es una variable mediadora en la relación entre la estrategia de RSE y el performance de la empresa tecnológica.

Con relación a lo anterior, Tapia et al. (2018) mencionan que, para las empresas en el Ecuador, el desarrollo de actividades de RSE ha permitido proporcionar a los grupos de interés servicios y productos de calidad, un trato ético a los clientes y la mejora en la calidad de vida de los empleados. Destacan entre los resultados positivos por la aplicación de prácticas de RSE la lealtad de los clientes, el aumento de la productividad, la mejora del ambiente laboral, el incremento de las ventas y en menor medida la preservación del ambiente.

En el caso de la pyme en el contexto colombiano, destaca Espinoza-Santeli (2018), que las acciones encaminadas hacia la responsabilidad social empresarial se han convertido en factores para mejorar el rendimiento dentro de las empresas, debido a que el contexto competitivo actual ha hecho que las organizaciones se vean en la necesidad de innovar en sus modelos de gestión.

En años más recientes, autores como Aldeanueva y Cervantes (2019), Hernández et al. (2020) y Salaiza et al. (2020) señalan que la RSE es una política que contribuye a la transformación de la gestión, contribuyendo a crear escenarios de mayor competitividad y productividad, es por ello que plantean que el desarrollo de prácticas de RSE contribuyen a incrementar el desempeño competitivo de las pymes, tanto directa como indirectamente, a través de la capacidad de estas organizaciones para gestionar a sus partes interesadas. En tal sentido, las empresas que hacen uso de una RSE cuentan con mayor grado de motivación y ejercen mejores prácticas contribuyendo al desarrollado ventajas competitivas que les han permitido mantenerse con el pasar de los años en el entorno en el que son partícipes.

En este contexto, Grijalva y Fernández (2020) en su investigación para establecer las relaciones existentes entre RSE y competitividad en las clínicas de salud privadas en el Distrito Metropolitano de Quito, encontraron que las clínicas con mayor índice de RSE también contemplan índices más altos en competitividad, obteniendo como componentes fundamentales en la relación entre RSE y competitividad, la participación activa en la comunidad debido a la organización interna de las empresas; una sólida

estructura organizacional que puede consolidar una organización fuerte y flexible que permite obtener resultados para sus actores internos y externos, y las prácticas laborales e innovación, que son determinantes para lograr altos índices de competitividad.

En este orden de ideas, Salcedo-Muñoz et al. (2021) en su investigación obtuvieron hallazgos que indican la existencia de una correlación lineal múltiple positiva entre las variables de aplicación de actividades de RSE y la relación con los *stakeholders* de las pequeñas y medianas empresas del sector bananero de la provincia El Oro, Ecuador.

Otro caso presentado en Ecuador es el de las empresas exportadoras, las cuales realizan prácticas de RSE ligadas a las dimensiones social, económica y ambiental, siguiendo los estándares de las certificaciones ambientales o de responsabilidad social, destacando en algunas empresas los atributos de sus productos mediante certificaciones orgánicas. Estas estrategias les han permitido la internacionalización e incursión en mercados exigentes, la creación de confianza y de una imagen y reputación positiva y sobre todo, la diferenciación ante sus competidores que hacen que sus productos sean preferidos, teniendo la oportunidad de cobrar precios superiores (Rodríguez et al., 2021).

En consecuencia, se puede señalar que las empresas que emplean prácticas de RSE desarrollan sus actividades de manera responsable en los ámbitos económico, social y ambiental, beneficiando a la sociedad y generando menores impactos negativos al ambiente, diferenciándose así de otras empresas por su compromiso con sus diferentes grupos de interés y su contribución al desarrollo sostenible, lo que les permite generar ventajas competitivas y obtener beneficios. En tal sentido, el compromiso de la empresa con el cuidado y protección del ambiente posibilita la conservación del entorno y la minimización de impactos ambientales desfavorables mediante un mayor control de sus operaciones.

Analizada la relación entre la RSE, la gestión ambiental y la competitividad de las empresas desde la perspectiva de diferentes autores, a continuación, se presenta en tabla 1 la relación teórica entre la RSE y la competitividad partiendo de los autores Villafán y Ayala (2014), al cual se le han incluido los aportes de nuevos elementos reportados por otros autores.

Tabla 1. Relación Teórica entre la RSE y la competitividad.

Aspectos de la RSE	Aportes a la competitividad
Innovación.	Se incrementa la sostenibilidad y las ventajas competitivas.
Mejores condiciones de los clientes internos.	Aumenta el compromiso organizacional e incrementa la productividad.
Relación más estrecha y armónica entre los grupos de interés.	Mejora del entorno competitivo.
Satisfacción del cliente interno y externo.	Relación más fuerte entre la empresa y sus clientes.

Aspectos de la RSE	Aportes a la competitividad
Mejor imagen y reputación interna y externa.	Incremento de la demanda de productos/servicios y mejora la captación de talento humano.
Mejor transparencia en el uso de recursos y toma de decisiones.	Se fomenta la inversión para el desarrollo de nuevos proyectos.
Aspectos sociales y ambientales internos y externos.	Se incrementa la diferenciación y el valor agregado.
Estrategia empresarial, visión de largo plazo, arquitectura organizativa y valores de la cultura organizacional.	Mejor desempeño organizacional.
Transformación de la gestión.	Incremento de la productividad y rendimientos.
Gestión ambiental y cuidado del ambiente.	Aumento de las ventajas competitivas para ingresar a nuevos mercados, cumplimiento de la normativa ambiental.

Fuente: Elaboración propia.

3 CONCLUSIONES

La inclusión de la RSE en las empresas se convierte en una ventaja competitiva al mejorar los aspectos internos y externos de las mismas, respondiendo de esta manera a las necesidades de sus diferentes grupos de interés, de allí la importancia de la incorporación de prácticas que permitan su aplicación como parte de la gestión administrativa y ser consideradas dentro las estrategias formuladas en la planificación de la empresa.

Para generar las ventajas competitivas y alcanzar la competitividad, las empresas deben hacer un manejo eficiente de las diversas áreas de la empresa; considerando para ello los factores clave impulsores de la misma como lo son: la planeación estratégica, la producción y operaciones, el aseguramiento de la calidad, la comercialización, la contabilidad y finanzas, los recursos humanos, la gestión ambiental y los sistemas de información, los cuales se ven mejorados con la aplicación de las prácticas de RSE en las empresas, convirtiéndose así la RSE en una poderosa estrategia generadora de ventajas competitivas.

La aplicación de prácticas de RSE en las empresas favorece los factores de la competitividad empresarial, tales como: incrementa la sostenibilidad y las ventajas competitivas de la empresa, aumenta el compromiso organizacional e incrementa la productividad de los clientes internos, mejora el entorno competitivo, genera una relación más fuerte entre la empresa y sus clientes, incrementa la demanda de productos/servicios y mejora la captación de talento humano, fomenta la inversión para el desarrollo de nuevos proyectos, incrementa la diferenciación y el valor agregado de los productos/servicios, mejora el desempeño organizacional, incrementa la productividad y rendimientos de la empresa y aumenta las ventajas competitivas que permiten ingresar a nuevos mercados por su gestión ambiental y cuidado del ambiente.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aldeanueva Fernández, I. y Cervantes Rosas, M. A. (2019). El desarrollo sostenible como imperativo estratégico: el contexto de la pequeña y mediana empresa latinoamericana. *Revista Lasallista de Investigación*, 16 (2), 28-43. <http://repository.lasallista.edu.co:8080/ojs/index.php/rldi/article/view/2223>
- Amato, C. N., Buraschi, M. y Peretti, M. F. (2016). Orientación de los empresarios de Córdoba-Argentina hacia la sustentabilidad y la responsabilidad social empresarial: identificación de variables asociadas a cada constructo. *Contaduría y Administración*, 61 (1), 84-105. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S018610422016000100084&script=sci_abstract
- Bernal-Conesa, J. A., Briones-Peñalver, A. J., y De Nieves-Nieto, C. (2017). Impacts of the CSR strategies of technology companies on performance and competitiveness. *Tourism & Management Studies*, 13 (4), 73-81. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388753561008>
- Borrás Atiénzar, F. F., y Revollo Lijerón, C. R. (2020). La gestión de la responsabilidad social empresarial en las empresas industriales de Santa Cruz de la Sierra en Bolivia. *Proyecciones Revista*, (14), 2-13.
- Centro Mexicano para la Filantropía [CEMEFI A.C.]. (2015). El concepto de responsabilidad social empresarial. https://www.cemefi.org/esr/images/stories/pdf/esr/concepto_esr.pdf
- Escamilla Solano, S., Plaza Casado, P. y Flores Ureba, S. (2016). Análisis de la divulgación de la información sobre la responsabilidad social corporativa en las empresas de transporte público urbano en España. *Revista de Contabilidad*, 19 (2), 195-203. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1138489115000242>
- Espinoza-Santeli, M. G. (2018). Percepción sobre las empresas socialmente responsables en el Distrito Metropolitano de Quito. *PODIUM*, 33, 35-44. <https://revistas.uees.edu.ec/index.php/Podium/article/view/130>
- Gallardo-Vázquez, D., Sánchez-Hernández, M. I. y Corchuelo-Martínez, M. B. (2013). Validación de un instrumento de medida para la relación entre la orientación a la responsabilidad social corporativa y otras variables estratégicas de la empresa. *Revista de Contabilidad*, 16 (1), 11-23. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1138489113700025>
- Grijalva Morejón, B. R., y Fernández Lorenzo, A. (2020). Responsabilidad social empresarial y competitividad en las clínicas de salud privadas de Quito, Ecuador. *COODES Cooperativismo y Desarrollo*, 8 (2), 315-328. <http://scielo.sld.cu/pdf/cod/v8n2/2310-340X-cod-8-02-315.pdf>
- Herrera Madueño, J., Larrán Jorge, M., Lechuga Sanchoa, M. P. y Martínez-Martínez, D. (2015). Responsabilidad social en las pymes: análisis exploratorio de factores explicativos. *Revista de Contabilidad*, 19 (1), 31-44. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1138489114000466>
- Herrera Madueño, J., Larrán Jorge, M., Martínez Conesa, I. y Martínez-Martínez, D. (2016). Relationship between corporate social responsibility and competitive performance in Spanish SMEs: Empirical evidence from a stakeholders' perspective. *BRQ Business Research Quarterly*, 19, (1), 55-72. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2340943615000699?via%3Dihub>
- Hernández Palma, H., Pitre Redondo, R., y Orozco Daza, B. (2020). Responsabilidad social empresarial como factor de cambio de la gestión empresarial. *Dictamen Libre*, (27), 35-43.
- ISO 26000: 2010. Guía de Responsabilidad Social. <https://www.iso.org/obp/ui/iso:std:iso:26000:ed-1:v1:es>
- Jaimes-Valdez, M. A., Jacobo-Hernández, C. A. y Ochoa-Jiménez, S. (2021). Los beneficios de la responsabilidad social empresarial: una revisión literaria. *Tiempo & Economía*, 8 (2), 201-217. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7836769>

Marquina Feldman, P., y Reficco, E. (2015). Impacto de la responsabilidad social empresarial en el comportamiento de compra y disposición a pagar de consumidores bogotanos. *Estudios Gerenciales*, 31 (137), 373-382. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0123592315000558>

Méndez Pinzón, M., y Gómez Osorio, M. (2017). Factores incidentes para crear valor compartido en las mipymes de Bogotá. *Suma de Negocios*, 8 (18), 96-105. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2215910X17300253>

Mora-Riapira, E. H., Vera-Colina, M. A. y Melgarejo-Molina, Z. A. (2015). Planificación estratégica y niveles de competitividad de las Mipymes del sector comercio en Bogotá. *Estudios Gerenciales*, 31 (134), 79-87. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0123592314001600>

Porter, M. E. y Kramer, M. R. (2006). Estrategia y Sociedad. Harvard Business Review América Latina. [Porter_y_Kramer_Estrategia_y_Sociedad_HBR_dic_2006.pdf](https://www.hbr.org/~/media/HBR/Org/Porter_y_Kramer_Estrategia_y_Sociedad_HBR_dic_2006.pdf) (iarse.org)

Rodríguez Eugenio, K. R., Gallo Apolo, J. E., González Illescas, M. L., y Carmenate Fuentes, L. P. (2021). La responsabilidad social empresarial como estrategia de diferenciación de las empresas exportadoras. *INNOVA Research Journal*, 6 (3), 171-189.

Saavedra García, M. L. (2012). Una propuesta para la determinación de la competitividad en la pyme latinoamericana. *Revista Pensamiento y Gestión* (33), 93-124. <http://rcientificas.uninorte.edu.co/index.php/pensamiento/article/viewFile/4898/2999>

Salaiza, F., Osuna, L., Joya, I. y Alvarado, L. (2020). Responsabilidad Social Empresarial en la Innovación de pymes en Sinaloa México. *ORBIS*, 16, número especial, 72-84. <http://www.revistaorbis.org/html/49/art6.html>

Salcedo-Muñoz, V., Campuzano Vásquez, J., Uriguen Aguirre, P. A., y Plaza Guzmán, J. J. (2021). Responsabilidad social empresarial en el sector bananero de la provincia de El Oro-Ecuador. *Revista de Ciencias Sociales (RCS)*, XXVII (3), 349-403. <https://produccioncientificaluz.org/index.php/rcs/article/view/36778>

Sánchez Henríquez, J. A., y Yáñez Vidal, I. A. (2021). Responsabilidad social, un estudio bibliométrico. *Review, Journal of Accounting, Auditing and Business Management*, 19 (1), 1-16. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8193610>

Santos Santo, Ch. P., León Saltos, A. C. (2019). La medición de los resultados sociales en el sector bananero; un estudio de corte transversal en la provincia de Los Ríos, República del Ecuador. *Universidad, Ciencia y Tecnología*, 23 (93), 107-118. <https://uctunexpo.autanabooks.com/index.php/uct/article/view/153/194>

Tapia Bonifaz, A. G., Gavilán Vega, M. I., Jácome Tamayo, S. P., y Balseca Castro, J. E. (2018). La responsabilidad social empresarial: un desafío para la sostenibilidad de las empresas del Ecuador. *Empresa: Investigación y Pensamiento Crítico*, 7 (4), 68-89. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6708534>

Tello Caicedo, G. E., Agila Maldonado, M. V., y Legarda Arreaga, C. (2018). La responsabilidad social empresarial corporativa y su incidencia en el ámbito laboral en Ecuador. *Universidad y Sociedad*, 10 (5), 60-69. <http://scielo.sld.cu/pdf/rus/v10n5/2218-3620-rus-10-05-60.pdf>

Villafán Vidales, K. B., y Ayala Ortiz, D. A. (2014). Responsabilidad social de las empresas agrícolas y agroindustriales aguacateras de Uruapan, Michoacán, y sus implicaciones en la competitividad. *Contaduría y Administración*, 59 (4), 223-251. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0186104214701615>

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge Rodrigues é economista. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL), com Agregação (UEuropeia). Mestre e pós-doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador com agregação no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. É investigador integrado no Instituto Jurídico Portucalense. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), Portugal. Membro efetivo do CICE/IPS – Centro Interdisciplinar em Ciências Empresariais da ESCE/IPS. Membro e Chairman (desde 2019 da ISO-TC260 HRM Portugal. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesses.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização mediática 232, 234, 241, 242, 243

Ambiental 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 140, 142, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 157

Ambientalização curricular 8, 13, 14, 15, 17, 18

Análise documental 88, 247

Aprendizaje 14, 17, 22, 23, 26, 27, 28, 34, 64, 140, 149, 151, 158, 164, 165, 167, 168, 170, 174, 177, 180, 195, 208, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 225, 226, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 245

Aprendizaje de inglés 213, 214, 218, 219, 220

Arouca 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

B

Biografia 247

Bucles 195, 196, 197, 198, 209, 210, 211

C

Cambio climático 7, 8, 9, 10, 18, 37, 143

Circular economy 46, 47, 48, 53

Competencia profesional 158, 162, 163, 164, 165

Competitividad 17, 22, 23, 25, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 55, 56, 57, 60, 65, 66, 67, 68, 111, 123, 124, 151, 152, 166, 184

Comunidades de aprendizaje 174, 177, 180

Conciencia 2, 3, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 34, 35, 36, 144, 181, 235, 245

Convergencia 158, 160, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Corto 11, 56, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 192, 228, 231

Costes 111, 112, 113, 114, 115, 119, 121, 122, 123, 145

Cultura 3, 8, 10, 12, 13, 16, 17, 35, 40, 43, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 87, 90, 92, 129, 146, 149, 218, 220, 231, 232, 233, 234, 240, 241, 242, 257

Cultura organizacional 43, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Currículo 20, 27, 28, 29

D

Desarrollo 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43,

44, 55, 57, 63, 68, 111, 112, 114, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 173, 177, 178, 179, 184, 187, 192, 198, 211, 219, 223, 226, 233, 234, 235, 237, 238, 240, 243

Deterioro ambiental 1, 2, 5, 8, 149

E

Educação Aberta 126, 127, 128, 129, 136, 137

Educación 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 36, 143, 144, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 192, 193, 212, 213, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 234, 239, 240, 245

Educación Ambiental 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 17, 36, 147

Educación Media Superior 173, 174, 176, 177, 179, 180, 182

Educación Universitaria 19, 222, 225, 226

EduComunicación 232, 241, 243

Empoderamiento digital 232, 233, 234, 241, 243

Empresa 11, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 55, 56, 57, 59, 62, 64, 65, 66, 74, 88, 111, 112, 113, 114, 121, 123, 124, 151, 152, 235, 245

Ensino/aprendizagem 70

Estrategia 3, 17, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 55, 57, 66, 90, 130, 132, 134, 140, 147, 154, 155, 169, 174, 234, 251

Estrategias 5, 10, 11, 12, 13, 14, 22, 28, 30, 31, 33, 35, 37, 40, 42, 43, 55, 56, 57, 66, 68, 71, 85, 123, 131, 134, 147, 154, 163, 169, 174, 175, 188, 213, 214, 217, 219, 220, 229

Estrés 174, 177, 179

Estructuras 10, 12, 62, 195, 196, 197, 198, 201, 209, 210, 211, 212

F

Flexibilidad 20, 26, 27, 28, 29, 192

G

Geologia 69, 70

Gestión ambiental 14, 30, 31, 32, 35, 36, 38, 42, 43, 147, 149

H

Humano 2, 15, 30, 31, 34, 38, 40, 43, 56, 57, 60, 66, 88, 140, 142, 143, 144, 145, 147, 151, 153, 155, 169, 170, 174, 192, 236

I

Inclusión 17, 43, 149, 150, 159, 178, 179, 222, 223, 226, 228, 229, 233, 245

Infraestrutura colaborativa 185, 187, 191, 192

Imigração 232, 243

Inovação 18, 26, 38, 39, 42, 45, 62, 64, 65, 68, 142, 143, 150, 151, 167, 173, 174, 176, 185, 213, 238

Inovação 84, 85, 87, 88, 90, 93, 126

Inovação Pedagógica 126

Interatividade 70, 82

Interfaz 232, 233, 234, 235, 236, 238, 246

Internet 27, 70, 74, 75, 229, 230, 238, 240, 244, 246

L

Largo 7, 11, 28, 33, 38, 40, 43, 56, 59, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 140, 145, 150, 154, 163, 164, 170, 192, 216

Legal dilemas 46

M

Maquete Virtual 3D 70

Medio Ambiente 1, 2, 3, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 37, 40, 64, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 160, 167, 174

Mercado laboral 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 165

Metodologia 4, 37, 55, 84, 85, 88, 111, 114, 175, 176, 197, 198, 224, 235, 247, 257

MIPyMES 40, 45, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 66, 68

MIPYMEs 111, 112, 123, 124

Modelo lógico 185, 187

Motivación 35, 38, 40, 41, 174, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220

N

Nivel medio superior 1, 3, 4, 5, 6, 173

P

Perfil de ingreso 158, 166

Planeación estratégica 43, 173, 174, 184, 185, 186, 187, 191, 192, 193, 194

Plazo 6, 11, 33, 38, 40, 43, 56, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 140, 145, 164, 192

Práticas Educacionais Abertas 126, 127, 130, 131, 136
Producción 16, 24, 25, 38, 43, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 142,
143, 144, 145, 146, 147, 150, 155, 168, 187, 189, 198, 211, 219, 220, 230, 231
Pronunciamentos Internacionais de Formação 158, 159, 162, 166, 167
Psicología 57, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 217, 229

R

Realidade virtual 70
Recursos Educacionais Abertos 126, 136, 137, 138
Recycling 46, 47, 48, 53, 54
Rede Académica Internacional WEIWER® 126, 127, 136, 137
Regional Development 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109
Regional Planning 97, 98, 101, 110
Responsabilidade social 25, 30, 32, 35, 36, 38, 41, 42, 44, 45, 146, 154, 155, 156, 167
Resultado de aprendizaje 158
Revisión Sistemática de la Literatura 173, 174, 175, 176

S

Series matemáticas 195, 196, 198, 208, 209, 210
Sociologia da ciência 247
Sordera 222
Sostenibilidad 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 30, 31, 33, 37, 38, 42, 43, 45, 124, 142, 143, 145, 146,
147, 152, 154, 192
Sustentabilidade 1, 2, 18, 32, 33, 37, 44, 140, 142, 143, 145, 146, 156, 168
Sustentabilidade 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95
Sustentable 2, 13, 14, 32, 33, 140, 142, 143, 144, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

T

Teoría del cambio 185, 186, 191
Thailand's National Economic and Social Development Plans 97
Trabalho de campo 69, 247, 256
Turismo sustentável 84, 85, 86, 87, 90, 91, 95

W

Waste 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54